

A AUTOBIOGRAFIA COMO PESQUISA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA URCA

Ariza Maria Rocha¹

RESUMO

Este estudo emergiu do desenvolvimento de uma atividade investigativa de escrita autobiográfica dos alunos do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri-URCA, em Crato-CE, durante o período 2009.1, na disciplina de “História da Educação Física”. A autobiografia é o caminho que possibilita a construção da memória individual, igualmente nomeada por Halbwachs (1990) de memória autobiográfica. Sua obra, “a memória coletiva” é o suporte teórico-metodológico desse trabalho. Utilizamos, ainda, o trabalho de Cavalcante (2008), “Identidade narrativa e autobiográfica”. O interesse surgiu da intenção de estimular à escrita e a reflexão dos futuros professores, além de obter elucidções da memória escolar e a contribuição na formação, identidade e na profissão do docente de Educação Física. Este trabalho tem o objetivo de relatar, através da autobiografia, a memória dos alunos e conhecer os motivos pela escolha do Curso e as experiências com as aulas de Educação Física em sua vida. Recuperar a memória dos alunos é também criar laços da história de vida com a comunidade, e que por sua vez, reflete na formação do docente de Educação Física. Possibilita ainda, analisar a trajetória de vida e propiciar a troca de vivências, além de ampliar as informações e o conhecimento o que significa abrir os calabouços para rever as aulas de educação física nas escolas. A pesquisa foi realizada com 30 alunos, na faixa etária entre 18 e 25 anos. Os resultados revelam que entre os motivos pela escolha do Curso ocorreu da relação do corpo, saúde e esporte e tiveram influência de amigos, professores de educação física na escola ou das academias e, principalmente, por terem uma trajetória de ex-atletas. No entanto, se para a maioria é o curso sonhado, para outros a escolha ocorreu como segunda opção. Nas memórias escolares, a maioria revela o gosto da participação da aula de Educação Física, no entanto, outros eram desestimulados pela predominância de aulas teóricas, dificuldades de espaço físico e do professor “da bola”. E, após esse itinerário, é o caso de perguntar, de que forma lembrar e escrever pode auxiliar a formação do professor de Educação Física? Ressaltaremos algumas contribuições, entre elas, a aproximação do aluno com a sua história de vida. Ele é o criador de uma narrativa que pode trazer lembranças e esquecimento das brincadeiras. O exercício de escrita autobiográfica no conteúdo da disciplina “História da Educação Física” fornece um rico material de reflexão pessoal e profissional. Concluimos que o encontro dos motivos da escolha do curso, as referências de professor e de aula de Educação Física e, principalmente, as contradições e as reconstruções possibilitam reconstruir a própria formação do docente dessa área de conhecimento.

Palavras-Chave: autobiografia; educação física; formação de professor

¹ Professora Dr(a) do Curso de Educação Física da Fundação Universidade Regional do Cariri –URCA. Pró-Reitoria Adjunta da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PRPGP dessa IES. E-mail: arizarocha2000@yahoo.com.br

ABSTRACT

This study emerged from the development of an investigation activity of autobiography writing of the pupils of the Course of Physical Education of the Regional University of the Cariri-URCA, in Crato-CE, during period 2009,1, in disciplines of "History of the Physical Education". The autobiography is the way that makes possible the construction of the individual memory, equally nominated for Halbwachs (1990) of autobiography memory. Its workmanship, "the collective memory" is the support theoretician-method of this work. We use, still, the study of Cavalcante (2008), "Identity narrative and autobiography". The interest appeared of the intention to stimulate to the writing and the reflection of the future professors, beyond getting briefings of the pertaining to school memory and the contribution in the formation, identity and in the profession of the professor of Physical Education. This work has the objective to tell, through the autobiography, the memory of the pupils and to know the reasons for the choice of the Course and the experiences with the lessons of Physical Education in its life. To recoup the memory of the pupils is also to create bows of the history of life with the community, and that in turn, it reflects in the formation of the professor of Physical Education. It still makes possible, to analyze the life trajectory and to propitiate the exchange of experiences, beyond extending the information and the knowledge what it means to open the bilge to review the lessons of physical education in the schools. The research was carried through with 30 pupils, in the age band between 18 and 25 years. The results disclose that it enters the reasons for the choice of the Course occurred of the relation of the body, health and sport and had had influence of friends, professors of physical education in the school or the academies and, mainly, for having an former-athlete trajectory. However, if for the majority it is the dreamed course, for others the choice occurred as second option. In the pertaining to school memories, the majority discloses the taste of the participation of the lesson of Physical Education, however, others was discouraged by the predominance of theoretical lessons, difficulties of physical space and it professor "of the ball". E, after this itinerary, is the case to ask, of that it forms to remember and to write can assist the formation of the professor of Physical Education? We will stand out some contributions, between them, the approach of the pupil with its history of life. It is the creator of a narrative that can bring souvenirs and forget of the tricks. The exercise of autobiography writing in the content of disciplines "History of the Physical Education" supplies a rich material of personal and professional reflection. We conclude that the meeting of the reasons of the choice of the course, the references of professor and lesson of Physical Education e, mainly, the contradictions and the reconstructions make possible to reconstruct the proper formation of the professor of this area of knowledge.

Key -words: autobiography; physical education; formation of professor

1. INTRODUÇÃO

A memória proporciona o recordar como também a auto-organização das experiências. Somando a memória com a linguagem é possível ter um trajeto dos caminhos dos alunos ao curso de Educação Física. Eis o ponto de partida para analisar as aulas, práticas, saberes e experiências dos professores que marcaram as vidas dos discentes de uma forma doce ou não. A respeito da aproximação das “linguagens e memórias”, Atlan explica:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (In LE GOFF, 2003, p.420).

Nesta linha de pensamento, a memória na formação de professor é um campo fértil de reencontro com emoções, eventos e situações que marcaram a vida dos estudantes. Diante do

exposto, emergiu o desenvolvimento de uma atividade investigativa sobre a memória do universitário do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri-URCA, em Crato-CE, durante o período 2009.1, na disciplina de “História da Educação Física”.

Diante de tantas interrogações na vida, indago: Quais os motivos pela escolha do Curso de Educação Física? E como tais lembranças ajudam na formação, identidade e na profissão de docente? Através destas escolhas o aluno revela suas ideias, concepções e história de vida. A importância destas escolhas pedagógicas revela ainda as influências e aprendizado dos alunos na construção da identidade do professor.

O objetivo desse artigo é relatar, através da autobiografia, a memória do aluno pela escolha do Curso de Educação Física. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre da turma de 2009.1 com 19 alunos na faixa etária entre 18 e 25 anos.

Entretanto, duas questões reforçaram o interesse pela utilização da autobiografia no contexto da disciplina de História da Educação Física. Primeiro foi o interesse pelo desenvolvimento do trabalho autobiográfico como a intenção de estimular à escrita e a auto-reflexão dos futuros professores dessa disciplina no contexto escolar.

O segundo motivo foi à inserção da escrita auto-referencial como possibilidade de articular a pesquisa ao ensino e, vice-versa, já que ensinar exige pesquisa, reflexão crítica sobre a prática e

respeito aos saberes dos educados como tanto pregou Freire (1996) em seu livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”.

Pela escrita de si, a memória traz à tona, como também pode silenciar o interesse, afetividade, desejo, inibição e até mesmo a censura de comportamentos, sentimentos e acontecimentos. Em cada narrativa está a manifestação da identidade, história pessoal e coletiva. Para tanto, esclareço o entendimento de memória:

(...). Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Podemos a este título falar de uma “memória específica” para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória “étnica” que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória “artificial”, eletrônica em sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados (LEROI-GOURHAN IN LE GOFF, 2003, p.422).

Neste sentido, a memória é o caminho para trazer momentos escondidos nos porões individuais e coletivos ao questionamento. A relevância do estudo está na reflexão da formação e prática docente. Para tanto, não há empecilho de que na escrita de si o aluno tenha a oportunidade maravilhosa de explorar e expor a sua história de vida, pois, “momentos como esse ficarão guardados para sempre em nossas vidas” como bem retrata a aluna J.

Este trabalho está dividido nos seguintes tópicos: 1) a construção da autobiografia na disciplina de História da Educação Física; 2) a memória dos discentes na escolha do mencionado Curso na URCA e, 3) o conhecimento de si e a formação do professor da citada área.

2. A CONSTRUÇÃO DA AUTOBIOGRAFIA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O Curso de Educação Física da URCA tem sua sede no *Campus* Pimenta, localizado no Crato-Ceará. Contudo, muito do alunado procedem de outras localidades do Cariri, como, por exemplo, Juazeiro do Norte, Barbalha, Brejo Santo, Caririaçu, Missão Velha, entre outras.

No currículo do Curso consta a disciplina “História da Educação Física” com a carga de 60h. Entre outros pontos, a disciplina trata do estudo da memória da cultura corporal da região

com o objetivo de instigar o aluno como sujeito, criador e pesquisador da história local.

Na perspectiva de professora do ensino superior parto da construção da autobiografia do aluno como reflexão e discussão das experiências da memória escolar. Por esse caminho, destaco os seguintes pontos:

a) os alunos são portadores de informações históricas possíveis de serem resgatadas, bem como, recuperar as evidências históricas a partir da reconstrução da historicidade do aluno e do próprio professor.

b) Despertar e organizar os estudos da Educação Física na sociedade carirense a partir da vivência dos alunos, para então introduzi-los em outras realidades e sociedades;

c) despertar a importância de elementos de sua vivência no âmbito familiar, para aproximar o ensino de História ao conhecimento experimentado pelo aluno.

O norte é a História Local como “aquela que desenvolve análises de pequenos e médios municípios, ou de áreas geográficas não limitadas e não muito extensas” (HORN, GERMINARI, 2006, p.118). O local é o “espaço imediato onde vivem e interagem as pessoas, realizam com os outros o trabalho, produzem saber, enfim, fazem, na prática, a história” (UNIVERSIDADE ABERTA, [2005], p. 443-454). Neste sentido, o estudo da história do lugar oferece:

a) o ensino a partir do concreto para o abstrato (ou do conhecido para o desconhecido, do próximo para o distante (...)).

b) a incorporação das experiências de vida dos alunos que se dão num lócus específico, no município, distrito, vilarejo, bairro.

c) o contato do aluno com as instituições locais e a compreensão do seu modo de funcionamento preparam-no melhor para uma futura inserção/participação na sociedade, facilitando-lhe a compreensão das instituições democráticas e acentuando o caráter formativo da História na preparação para o exercício de uma cidadania crítica e consciente.

d) o recurso às fontes locais (arquivos, museus, bibliotecas, monumentos, história oral, etc.) permite familiarizar o aluno com o método da pesquisa, possibilitando-lhe o exercício da produção do conhecimento histórico (...), além de sensibilizá-lo acerca da necessidade de preservação do patrimônio histórico-cultural de sua comunidade, numa proposta de educação patrimonial

(HORN, GERMINARI, 2006, p.118).

especificidade da memória individual (1990, p.53)

A autobiografia é o caminho que possibilita a construção da memória individual, igualmente nomeada por Halbwachs (1990) de memória autobiográfica. Contudo, importante frisar que esse autor não isola a memória coletiva da individual. Eis sua explicação:

(...) Frequentemente, consideramos a memória como uma faculdade propriamente individual, isto é, que aparece numa consciência reduzida a seus próprios recursos, isolada dos outros, e capaz de evocar, que por vontade, quer por oportunidade, os estados pelos quais ela passou antes. Como não é possível, todavia contestar que reintegramos frequentemente não lembranças em um espaço e em um tempo (sobre cujas divisões nos entendemos com os outros), que nós as situamos também entre as datas que não têm sentido senão em relação aos grupos de que fazemos parte, admitimos que é assim. Porém é uma espécie de concessão mínima, que não poderia atingir, no espírito daqueles que a consentem, a

Nessa direção, os alunos revelaram os motivos pela escolha do Curso de Educação Física e assim, se dá o encontro de várias memórias individuais com a vida coletiva na escrita que incentiva a valorização das experiências pessoais de cada um. Fauth e Fortuna afirmam que:

A autobiografia orientada desenvolve, em cada indivíduo, um processo de aprendizagem que o auxilia a escrever sua história de vida, envolvendo-o com sua relação pessoal, familiar, profissional, financeira e com seus objetivos de vida. (...) tanto como sujeito do desenvolvimento da autobiografia, ao construir e relatar, ele próprio, suas experiências passadas, como também, como objeto deste processo, uma vez que é a sua história que está em discussão (S/D, p.4).

Recuperar a memória dos alunos é também criar os laços de diálogo com a identidade desse docente e proporcionar o desenvolvimento de uma das dez competências citadas por Perrenoud (2000) no ofício de

professor, ou seja, o de “auto-análise e de diálogo com seus próximos” (p.91). Nessas condições, relato as memórias dos universitários do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri.

3. A MEMÓRIA DOS DISCENTES NA ESCOLHA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA-URCA

O que você vai ser quando crescer? Que profissão você vai escolher? Incontáveis são as pessoas que já foram indagadas por essas questões. Na inocência infantil, as respostas escorregam com facilidade faceira contrapondo ao peso da difícil escolha quando se tem 17-18 anos. Eis outra questão: por que você escolheu o curso de Educação Física?

A pergunta inicial propicia o discente a refletir os motivos que o trouxeram ao Curso e a partir da autobiografia apresentada, tanto na forma de narrativa como também oralmente, na aula de “História da Educação Física” estabeleceu-se trocas das experiências, práticas e saberes nas recordações dos alunos na escola. Entre as autobiografias, destaco as seguintes respostas:

(...) fiz esta escolha porque sempre admirei esta área que envolve esportes, brincadeiras, dança entre outros. E também porque me identifico e sempre quis ser professora. E já pratico alguns esportes e daí foi crescendo cada vez mais

a vontade de seguir esta profissão (Aluna CP)ⁱ.

Um dos principais motivos para escolha do curso de educação física foi sempre estar ligado ao esporte; através desse hábito, surgiu um grande interesse em fazer parte desse meio e conhecer todas as outras áreas que o curso abrange (Aluno S).

As escritas autobiográficas revelaram que o gosto pelo esporte foi o principal motivo pela escolha do Curso. A confusão entre Esporte e Educação Física está, fortemente, acompanhada nessa escolha. No entanto, alerto que apesar da aproximação não se deve esquecer a existência de caminhos metodológicos e preocupações teóricas peculiares de cada área.

A respeito dessa discussão, Melo elucidada em sua obra, “História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas (1999) as particularidades entre o Esporte e a Educação Física. Ressalto que a definição de cada termo não é fácil ao tempo em que provoca debates, como ocorreu no evento abaixo:

A menos de dois meses da abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, pesquisadores brasileiros e latino-americanos estiveram reunidos esta semana, no Rio, para debater sobre esporte de uma abordagem bem diferente: a histórica. Organizado pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), o Fórum de História do Esporte e

do Lazer procurou responder a uma pergunta: “o que é esporte?” Para responder, historiadores de diversas universidades expuseram durante os dois dias do evento, 18 e 19 de junho, diversos aspectos do tema, como “Esporte na história do corpo no Brasil”, com Mary Del Priore; “Eram esportistas gregos e romanos?”, com Fábio Lessa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Renata Garraffoni, da Universidade Federal do Paraná; passando por “Tensões na constituição do futebol no Rio de Janeiro”, com Antonio Jorge Soares e Ricardo Pinto dos Santos, ambos da UFRJ; “Novas configurações do esporte na cidade”, com Cleber Augusto Dias, da Universidade Estadual de Campinas, e Rafael Fortes, da Universidade Federal Fluminense (RICARDO, 19/06/2008).

O debate posto evidencia a distância de um consenso na definição de Esporte e Educação Física que é fruto da polissemia sobre os termos como também de uma história em constante construção. Contudo, Melo esclarece que:

(...) o esporte é uma prática social que extravasa o campo da Educação Física, sendo objeto reconhecido por várias áreas de conhecimento. Estas compreensões devem ser bem-vindas a História da Educação Física e do Esporte. Só não podemos, nem devemos esquecer-nos de reservar significativos espaços para discutir a Educação Física, bem como para discutir as relações históricas que

têm se estabelecido entre Esporte e Educação Física (1999, p.46).

Evidencio a representação do curso de Educação Física ligada ao esporte, motivo pelo quais muitos alunos optaram como carreira profissional, conforme, menciona o aluno N:

Em alguns momentos de nossa vida, temos que tomar certas decisões que com certeza influenciarão o nosso futuro. A Educação Física foi à escolha mais fácil da minha vida. O simples fato de que a Educação física está relacionada ao esporte foi o primeiro “empurrãozinho” que me levou a gostar por este curso. Sempre quis para o meu futuro atuar profissionalmente em uma área que realmente fosse capaz de me satisfazer, como profissionalmente e como pessoa, e só consigo enxergar na Educação Física essa capacidade. A minha escolha se tornou cada vez mais fácil quando comecei a perceber o quanto é grande essa área e ao mesmo tempo em que fui me apaixonando cada vez mais pelo esporte e comecei também a me interessar por ser professor. Aí foi só juntar tudo isso e escolher este curso, sabendo que a educação física não é só esporte estou bastante motivado e curioso para conhecer cada vez mais tudo o que abrange a Educação Física (ALUNO N).

Eis o outro ponto que se extraiu das revelações autobiográficas: a concepção de Educação Física. Entre as surpresas do alunado

com o Curso está à descoberta que o conhecimento da citada área vai para além do dualismo entre o corpo e mente. Descendem dessa dicotomia diversas concepções de professor e da prática pedagógica. E esta é a oportunidade de trabalhar as representações dos alunos que, muitas vezes, choca com a fragmentação que predomina do intelectual versus o físico, a aula teórica versus a prática, o professor versus o treinador. O aluno P ilustra que:

Chegando à universidade, logo me deparei com a diferença que é dada no trato com o conhecimento, que não tinha nada a ver com a ênfase que era dada na escola. Percebi então que a faculdade era muito diferente do que imaginava. Nos tempos de escola pensava que passar no vestibular seria o final de um ciclo, a última conquista talvez. Mas estava errado, a universidade é o começo do futuro, não encerra um ciclo, mas, sim, o início de uma nova fase.

A escrita auto-referencial proporciona, também, a aproximação do saber trazido pelo aluno. Por este ângulo, é possível conhecer o saber do discente e reconstruir uma nova síntese a partir de sua bagagem cultural e atender a espiral idade do conhecimento. A este respeito, o aluno B revela:

(...) achei que educação física era só esporte, mas com o passar do tempo é que

vi que não era somente isso. Para ser um professor de educação física não basta saberá apenas a prática e sim, todos os fundamentos. Muitos dizem que quem faz educação física não estuda, pois o curso é só praticando esportes, mas não é verdade. Como serão formados professores sem estudos? Essa é a visão que todos têm sobre a educação física. Mesmo com o pouco tempo que estou cursando posso ver que é um curso bastante interessante (ALUNO B).

Na memória de si, os alunos revelaram ainda as influências que tiveram em optar pelo Curso e, entre elas, estavam os amigos e os professores que marcaram os momentos na vida escolar. Eis alguns depoimentos:

(...) E tive muito incentivo do meu professor de educação física do ensino médio e do instrutor de atletismo e esporte que já pratico desde os 10 anos de idade (Aluno CP).

Escolhi este curso, primeiramente, por orientação do instrutor da academia que frequento. Logo fui percebendo que educação física era uma boa profissão a seguir (Aluno A).

Escolher educação física não foi uma decisão difícil, sempre estive ligado ao esporte e isso influenciou muito. A forma de trabalho e os lugares em que atua o profissional da área são muito atrativos e além do mais, antigos professores passaram uma visão bastante positiva do

curso. (...) Antigos professores me influenciaram muito deixando uma impressão bastante positiva sobre a educação física. A forma de ensinar que eles usavam agradava e deixava a ideia de no futuro ser um educador com as mesmas qualidades que os mesmos (Aluno S).

Pelos testemunhos coletados foi possível acompanhar o papel do professor de Educação Física como referência na escolha profissional desses alunos. Foram muitas as recordações das aulas e dos professores que passaram pela vida desses jovens. No entanto, importante destacar que além dos citados docentes, existiram outras influências, como, por exemplo, a prática de determinada modalidade esportiva, o cuidar da saúde, atenção a estética corporal e, especialmente por ter sido ex-atleta, conforme revela a Aluna abaixo:

(...) Quando tinha 11 anos de idade, entrei na 5ª Série, que era a série em que começava a ter Educação Física, era bom demais, a gente acordava 5h da manhã para ir para as aulas de Educação Física, só que era apenas uma vez por semana, mas que a gente aproveitava o máximo. Depois disso não parei mas, queria sempre estar participando dos jogos. Nos campeonatos até que me destaquei em alguns e ganhei medalhas. Aos 15 anos de idade, entre no Ensino Médio, mas, como estudava a noite não tinha aulas práticas de Educação Física, mas, eu não queria

nem saber e ia para as aulas das outras turmas (Aluna R).

As autobiográficas revelaram a satisfação dos alunos pelas aulas de Educação Física a despeito das dificuldades de espaço, recursos e, sobretudo, o “professor da bola” que desestimulava muitos escolares. Exemplo disso está no comentário abaixo:

Sempre estudei em escolas públicas e desde a terceira série tive aulas de Educação Física, mas, foram poucos os professores que conseguiram fazer com que eu permanecesse nas aulas até o final. Existiram momentos no colégio em que cheguei a preferir uma aula de álgebra, biologia ou química a uma de educação física, pois sabia que seria mais uma aula teórica e insuportável e quando se tratava de aula prática, simplesmente os “professores” jogavam a bola para cima e não a usávamos como queríamos. Reconheço que história e regras são super necessárias, mas qual a melhor forma de treinar nossos conhecimentos, se não na prática? (Aluna A).

Matriculado em um novo colégio para cursar a Terceira Série, tive o meu primeiro contato com uma aula de Educação Física. As aulas eram realizadas na quadra da APAE de Crato, pois na nossa escola não havia uma. Quem lecionava as aulas não era um professor na área, mas sim o zelador da escola. As aulas eram na verdade um rachão, onde ele reunia os alunos da 3ª e 4ª séries

dividiam-nos em equipes e jogava a bola. Apesar disso gostava muito das aulas, tendo em vista que eu queria mesmo era jogar bola e não conhecia o realmente o sentido das aulas de Educação Física, não estando preocupado com os conhecimentos que poderiam ser passados no contexto da aula. As aulas ficavam mais interessantes quando se aproximava o período dos interclasses do colégio. Havia uma seleção para escolher os atletas que representariam cada sala e a disputa era muito acirrada. Certa vez, quando cursava o 4^a ano, chegamos à final dos jogos contra o 7^a Ano, muito temido e favorito para ganhar o título. Apesar de menores, fizemos um jogo muito equilibrado, empatamos com eles e ganhamos a partida nos pênaltis (Aluno G).

No discurso dos alunos está o debate em torno das aulas e do professor da referida área e que se estende para além dessas poucas linhas. Ressalto, porém a existência de alunos sem nenhuma identificação com o Curso. Suas escolhas foram movidas como segunda opção diante dos problemas de vaga/concorrência, condições financeiras, conveniência de acesso e, essencialmente, no imaginário de muitos, ainda impera que o Curso de Educação Física não precisa o dispêndio de maiores estudos. Dentro dessa lógica de pensamento, “é um curso fácil” de “passar no vestibular”. Sem mencionar a imagem do professor que “só faz brincar” em relação aos de outros cursos. A aluna P comenta:

Na verdade, Educação Física não era exatamente o curso que desejava cursar. Sempre me identifiquei com áreas voltadas para a saúde. Até pensei em tentar vestibular para enfermagem, mas o eu realmente queria era nutrição.

A respeito da construção da identidade do professor de Educação Física é preciso mencionar as lições de Nóvoa em que “a identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço em construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (In PIMENTA, 1996). Diante disso, o poder de transformação está presente desde o momento em que a percepção do aluno é construída no contexto social e reconstruída no sujeito que pensa, sente e age em uma sociedade que se modifica diariamente.

A formação de novos professores de Educação Física, também, perpassa pelos contatos, experiências e relações com os demais docentes contribuindo na construção dessa identidade. Discutir os problemas, conflitos e as transformações também contribuem nas escolhas pedagógicas dos futuros professores que poderão conservar os modelos vivenciados ou criar outras formas de ensinar a partir de uma visão consciente do papel de professor da área, como revela os testemunhos abaixo:

(...) Foi por conta da grande desvalorização por parte de alunos e professor em relação à Educação Física

que fez crescer o desejo de me formar, quebrar esses preconceitos e fazer uma inovação significativa na maneira de lecionar, principalmente, nas escolas públicas (Aluna A).

(...) E é por esse motivo que quero ser professora de Educação Física, poder fazer diferente com meus futuros alunos, merecer ser chamada de professora pelo pouco tempo que estou cursando já me sinto orgulhosa. Essa é mesmo a minha área, cada dia tem uma nova descoberta e com tudo isso só aprendo (Aluna M).

(...) quando eu estava no sétimo ano foi o meu primeiro ano nas aulas de Educação Física, começamos a treinar handebol para participar dos jogos escolares. Foi complicado, pois, eu nunca tinha praticado handebol (...) esse ano foi o que me despertou o interesse de fazer faculdade de Educação Física, pois, tinha na minha mente, que essa aula tinha que ter algo mais que alongamentos, exercícios e também uma noção das regras do jogo e não entregar a bola ao aluno e ele sair jogando sem ter noção de regras, isso é o que acontece até hoje nesta escola e muitas pelo país (Aluna D).

4. O CONHECIMENTO DE SI E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

A autobiografia dos alunos possibilitou conhecer, um pouco, as experiências que

motivaram a escolha do referido Curso. E, após esse itinerário, é o caso de perguntar, de que forma lembrar pode auxiliar a formação do professor de Educação Física? Ressalto algumas contribuições, entre elas, a aproximação do aluno com a sua história de vida. Ele é o criador de uma narrativa que pode trazer lembranças e esquecimento das suas vivências. Lacerda explica:

(...) O que é escrito desse relicário de lembranças está orientado por uma necessidade determinada pelo momento atual, e assim os supostos lapsos de memória podem ser considerados não apenas como falhas ou rupturas do que se tenta apreender do passado, mas como partes do próprio texto (p. 88).

Além do mais, partindo da vivência, o aluno compreende que a história não é exclusividade de personagens ilustres, acontecimentos marcantes e inesquecíveis o que propicia a compreensão da história feita por homens e mulheres. A valorização da escrita autobiográfica permite expandir o quadro nos “aspectos da história social brasileira, [pois] descrevem, detalham, precisam e explicitam os cenários pouco iluminados pelos grandes refletores históricos”(LACERDA, p. 90). Trata também da recuperação das experiências dos alunos, ampliando a discussão e a reflexão do professor, como também,

(...) propiciar reconstruções e resignificações das práticas pedagógicas, conhecerem as suas representações sobre a profissão docente e conscientizar-se dos elementos que compõem sua cultura lúdica. Buscar uma aproximação das lembranças infantis com as vivências lúdicas de hoje é, suponho, criar uma perspectiva de possibilidades de desdobramentos na vida profissional (CASTRO, 2007, p.254).

O aluno, a partir dessa experiência, refletirá “ a apropriação de concepções de educação, a relação escola/professor/aluno, a condição de ser professor, bem como as significações que permeiam suas concepções mais atuais em torno do lúdico em sua prática docente” (CASTRO, 2007, p.253). Nas palavras de Figueiredo está a importância desse momento para o aluno, pois,

(...) O resgate da história traz de volta os modelos aos quais os mesmos foram incorporando ao longo de suas vidas e, a partir de uma visão crítica destes modelos, conseguem compreender o que vivenciou e reelaborar seu próprio modelo (p. 152).

Permite, ainda, analisar a trajetória de vida como também conhecer a experiência dos colegas propiciando o intercâmbio de vivências e conhecimentos, além de ampliar as informações e estabelecer os laços entre a história individual e a coletiva.

Por fim, possibilita abrir os calabouços para rever as aulas de Educação Física Escolar no ensino formal. A seguir, está um retorno que deixaria qualquer professor satisfeito no final de uma aula emocionante com tantas trajetórias que chegaram ao Curso de Educação Física:

(...) foi e é um desafio, onde tenho que ultrapassar todos os dias. Através da Universidade tive e continuo tendo oportunidade de aprofundar meus conhecimentos, podendo esclarecer dúvidas, e olhar que são muitos e aprofundados os conhecimentos. Conhecendo alguns que até então não conhecia, apesar de não estar ainda tão amadurecida para alguns assuntos. Todo o dia aprendia coisas novas. Quais eram os maiores defeitos e qualidades de meus amigos e o meus também aceitava certas verdades inescapáveis(...). Aprendia que as minhas escolhas tinham sempre metade das chances de dar certo (...) e que os meus conselhos não tinham outra base confiável além de minha própria experiência errante. Todo dia, enfrentava pelo menos uma coisa que me metia medo de verdade, nunca esquecia os elogios que recebia, tentava esquecer as ofensas e, se alguém que esta lendo esta autobiografia conseguir isso, peço que me ensine!Tinha muito cuidado com os conselhos que comprava, mas, era paciente com aqueles que me ofereciam. Aprendi também que compartilhar conselhos é um jeito de pescar o passado do lixo, esfregá-lo, repintar as partes feias e reciclar tudo por mais do que vale. Por tudo isso é que,

como citei anteriormente, considero um sucesso chegar até onde cheguei. Ou melhor, considero uma vitória (Aluna AR).

5. Á GUIA DE UMA CONCLUSÃO

Á vista do exposto, o exercício da construção da autobiográfica no conteúdo da disciplina “História da Educação Física” fornece um rico material de reflexão pessoal e profissional. É o encontro dos motivos na escolha do curso, as referências de professor e de aula e, principalmente, as contradições e as reconstruções dessa área de conhecimento, do curso e da disciplina no ensino formal.

Na pauta da discussão das escolhas dos alunos pelo referido Curso está à construção do processo de aprendizado e ensino na medida em que ele se conscientize pelas escolhas pedagógicas como também das influências culturais, sociais e políticas em seu processo formativo e até mesmo em sua história de vida.

6. REFERÊNCIA

CASTRO, Genivaldo Macário de. Visita Ao Porão da Memória: A Cultura Lúdica Docente em Jogo IN. COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos; COLAÇO, Veriana de Fátima; COSTA, Nelson Barros (Org.). **Modos de Brincar, lembrar e dizer:** Discursividade e

Subjetivação. Fortaleza, Edições UFC, p.246-254, 2007.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **Identidade narrativa e autobiográfica:** Elementos Teóricos e Metodológicos para uma Pedagogia da Escrita Histórica. IN. BARROS, José Arimatéa, ROCHA, Ariza Maria (Org.) História da Educação: arquivos, documentos, historiografia, narrativas orais e outros rastros. Fortaleza: Edições UFC, p. 13-29, 2008.

FAUTH, Jéssica Guedes; FORTUNA, Sonia Castelo Branco. **A Transmissão Cultural entre Gerações dentro das Famílias:** uma abordagem centrada em histórias de vida-Autobiografia e Estudo de Caso. Trabalho apresentado em mesa-redonda sobre história oral, mimeografado. S/D.

FIQUEIREDO, João Batista de Albuquerque. Memórias de um futuro no presente: O Memorial na Formação de Educadores(a)s In VASCONCELOS, Jose Gerardo; VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula, et al [Org.]. **Interfaces Metodológicas na História da Educação.** Fortaleza: Edições UFC, p. 139-154, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990 (Biblioteca Vértice. Sociologia e política).

LACERDA, Lilian Maria de. **Lendo vidas**: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.) **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, p. 85, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [Et Al.]. 5ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

MEIRELES, Renata. **Pipa, Pião e Chicote**. Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 1, n.4, p. 25-29, 2004.

MELO, Victor Andrade. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil**: Panorama e Perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999.

NÓVOA, António. As ciências da educação e os processos de mudanças. In: PIMENTA. Selma Garrido. **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo, Cortez, 1996.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas competências para ensinar**: convite à viagem. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Consultoria,

supervisão e revisão técnica desta edição: Cristina Dias Alessandrini, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RICARDO, Rosilene. **Afinal, o que é o esporte?** 19/06/2008. Disponível no site da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=4644 Acesso 26 de setembro de 2009, 10h00min).

ⁱ Os depoimentos dos alunos estão representados pelas iniciais de seus nomes bem como suas escritas.